

Nunca perdoarei a nossa aviação militar

Notícias (supe.)
25-6-99
p. 14

EM Mutarara, Francisco Trinta permaneceu quase toda a década de 80, na qualidade de comandante militar, defendendo o país da agressão externa de que o país estava a ser vítima, tendo como testa de ferro a Renamo. Era um período extremamente difícil, com o movimento rebelde a intensificar as suas acções armadas, na tentativa de alastrar a sua guerra de agressão a mais zonas do território nacional, sobretudo nas províncias do norte.

No caso concreto de Mutarara, a Renamo tinha como intenção transformar aquele distrito num ponto estratégico, a partir do qual iria alastrar a sua guerra para as províncias do norte do país.

Segundo conta Trinta, foram várias as tentativas da Renamo de tomar de assalto a vila, mas sem sucesso.

"Conseguimos inviabilizar isso, porque até certo ponto tínhamos uma força minimamente organizada e com um alto sentido de combate", disse Trinta, justificando as razões que inicialmente dificultaram a invasão da Renamo ao distrito.

Porém, não tardaria muito o dia em que o movimento viria reforçado e armado "até aos dentes", como sói dizer-se, decidido a ocupar Mutarara com o uso de todo um poderio militar jamais ali empregue.

Diz ele que "se não me engano, foi em plena madrugada do dia 22 de Setembro de 86 que tomámos conhecimento de que vinha um grupo da Renamo fortemente armado".

"Imediatamente tomei conta da situação, organizando as forças. Ao romper da manhã tínhamos o inimigo a

poucos quilómetros da sede distrital. Iniciou-se o combate. Muito cedo apercebi-me de que o efectivo deles era muito superior ao nosso e que poucas seriam as hipóteses de contrariarmos a acção inimiga. Ordenei às minhas forças para que recuássemos até às imediações do quartel, mas isso não resultou. Vi-me obrigado a pedir reforço a Tete, ao mesmo tempo que ordenei um novo recuo para a zona montanhosa de Mutarara, donde julgava que poderíamos fazer melhor frente aos invasores", relata Francisco Trinta, recordando-se de algumas passagens desse combate como se estivesse a vivê-lo no momento da nossa conversa.

Uma vez solicitado o reforço, Tete respondeu positivamente, indicando que haveriam de ser enviados de imediato alguns aviões "caça" bombardeiros. Nas comunicações com Tete foi dito que as forças do Governo tinham efectuado um recuo estratégico até à zona montanhosa. Por sua vez, Tete respondeu a dizer que para facilitar a sua identificação por parte dos pilotos, as forças governamentais deveriam acenar com lenços à chegada dos bombardeiros. Dito e feito, a Força Aérea chegou ao local e os soldados acenaram, tal como estava combinado, mas estranhamente os aviões descarregaram as bombas sobre os seus companheiros, portanto, sobre os militares do Governo. Estava consumada a tragédia, tal como vamos ver a seguir:

"Foi uma situação bastante penosa, de que não consigo esquecer-me. Perdemos muitos combatentes nessa falha ou negligência da Força Aérea. Pareceu-me ter havido muita irresponsabilidade dos pilotos que saíram de Tete. Não ligaram nem um pouco aos lenços com que estávamos a acenar.

Eu caí ferido. Sofri muito nas duas pernas, mas graças a Deus ainda pude sobreviver. Outros tantos camaradas morreram ali mesmo. Nunca perdoarei a nossa Força Aérea por esse grave erro que fez morrer muitos combatentes", sentenciou Francisco Trinta, ainda hoje bastante magoado com a ocorrência.

Este grave erro da Força Aérea, segundo o nosso entrevistado, não só custou muitas vidas aos combatentes, como também custou caro a Mutarara e sua população, que passaram a estar sob as mãos da Renamo, com toda a onda de execuções de gente suspeita de estar ligada ao Governo ou à Frelimo, "comportamento que caracterizou a Renamo durante a sua guerra de agressão ao país".

Com o distrito ocupado pela Renamo, Francisco Trinta e alguns sobreviventes do bombardeamento viriam a ser socorridos e transportados depois para Tete por uma força que foi novamente mobilizada para Mutarara.

Mas para expulsar a Renamo dali foi preciso organizar uma força conjunta moçambicano-zimbabweana, que em pouco tempo retomou o distrito, estabelecendo a ordem do poder instituído.

E assim terminaria uma vida militar de um jovem que deu parte importante da sua vida lutando, primeiro, pela libertação de Moçambique das mãos dos colonialistas portugueses e, depois, defendendo este país da agressão estrangeira, ironicamente protagonizada por nacionais.

A.M.